

PONTO DE VISTA

UMA NOVA FILOSOFIA PARA UM NOVO ENSINO MÉDIO

*André A. Rossato*¹

Resumo: *A Filosofia do novo Ensino Médio visa construir alternativas de organizações curriculares comprometidas com o significado do trabalho no contexto globalizado e com o sujeito ativo no mundo do trabalho e na prática social. Considerando-se tal contexto, pretende-se abordar neste artigo um plano de ação filosófico, contextualizado e interdisciplinar.*

Unitermos: *Filosofia; Contextualização; Interdisciplinaridade; Ensino Médio e Aprendizado.*

1. Introdução

“O objetivo da educação do século XXI, entre outros caminhos e para além deles, é o de uma via que conduz a um desenvolvimento mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões e as guerras”.

DELORS (1998).

“Educação agora é para a vida”. Este foi o mote da campanha publicitária com que o Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em setembro de 1999. A frase ilustra um princípio fundamental: o currículo escolar deve refletir a vivência do aluno fora da escola, e ao mesmo tempo, prepara-los para uma vida autônoma.

Assim sendo, a finalidade da educação: *“o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”* (LDB, Art.1º & 2º, Lei 9.346/96).

¹ Professor Auxiliar do Curso de Educação Física – FAEFIJA.

Portanto, construir cidadãos requer que da Escola, experiências concretas, diversificadas e não a mera transmissão de informações. A nova filosofia amplia a compreensão da realidade, incorporando ao cotidiano da escola o cotidiano social e cultural do aluno. Assim, há um novo modo de olhar, compreender e transformar o mundo que o cerca.

2. A filosofia do novo ensino médio

O ensino médio (antigo 2º grau) constitui parte da formação que todo brasileiro deve ter para participar da vida democrática, lidar com as novas formas e tecnologias de produzir bem, serviços e conhecimentos.

Para tanto, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Ministério da Educação num trabalho conjunto com educadores de todo o país construiu um novo perfil para o currículo do ensino médio.

O ensino que antes era fragmentado e baseado no acúmulo de informações. Passa a ser contextualizado e interdisciplinar. O raciocínio e a capacidade de aprender são mais importantes que a memorização.

Surgem, a partir disso, dois fatores importantes para a nova perspectiva do Ensino Médio: a interdisciplinaridade e a contextualização. O primeiro refere-se a interação dos conhecimentos que mantêm um diálogo para questionar, complementar, negar, confirmar ou ampliar aspectos não considerados. O segundo refere-se ao sentido do que se aprende, ou seja, o aluno sai da condição de espectador passivo para o ativo, a partir do momento que traz para a escola experiências pessoais, sociais e culturais.

A partir disso, nota-se que não houve uma simples mudança curricular, visto que, o novo Ensino Médio visa segundo o PCNEM (1999:22):

À formação da pessoa, de forma a desenvolver seus valores e competências necessárias à integração de seu projeto pessoal ao projeto da sociedade em que vive;

À preparação básica para sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam o aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças na produção de nosso tempo;

Ao desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos.

3. A filosofia das diretrizes curriculares o ensino médio

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

João Guimarães Rosa

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio - DCNEM -constituem-se e um conjunto de filosofias, princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização pedagógica e curricular de cada escola. Logo, é possível entender que o novo papel atribuído à escola é o de enfrentar e solucionar problemas sociais que outros órgãos e instituições estaduais não conseguem sanar.

Para isso faz-se necessário uma escola que BERGER (1999:38) acredita deva-ser:

“... menos voltada para o interior do próprio sistema de ensino, e menos orientada para uma falsa erudição enciclopédica; uma escola integradora, que reconheça a multiplicidade de agentes e fontes de informações e que tenha como centro da sua produção a construção das condições de busca, identificação, seleção, articulação e produção de conhecimentos para agir no aluno e sobre o mundo”.

A constituição deste projeto de escola citado por BERGER reconhece que se aprende, também, fora da escola, e que é seu papel integrar o conhecimento produzido e adquirido à escolarização.

Conclui-se que os conteúdos devem ser trabalhados numa perspectiva de equilíbrio, um tanto compensatória entre a *“Transmissão do conhecimento”*, o *“mundo do trabalho”* e a *“cidadania”*. Sendo o professor um mediador, do processo de aprendizagem que deverá ensinar aos alunos: *“Aprender a aprender”*, *“Aprender a Ser”*, *“Aprender a conviver”* e *“Aprender a Fazer”*.

Logo, a filosofia da DCEM é fortalecer o homem (consigo, com o outro e com o mundo); considerando a emoção, a sensação, o pensamento e a intuição como elementos indissociáveis desta mesma unidade. E a construção do conhecimento deve ser uma busca da sua autonomia, fundamentando-se nos princípios da educação da educação transpessoal, pela qual o aprendiz *“é encorajado a despertar a se tornar autônomo, a indagar, a explorar todos os cantos e frestas da experiência consciente, a procurar o significado, a testar os limites exteriores, a verificar as fronteiras e as profundidades do próprio eu. (PCNEM, 1999:30)”*.

É na Educação permanente que a filosofia do novo Ensino Médio pretende transformar a atual sociedade, pois a mesma se embasa na autoformação, e:

'A autoformação não exclui, mas vai além dos modelos tradicionais de formação por oferta de cursos de atualização. Apóia-se em novas estratégias, que levem em conta a demanda, que estejam centradas nas equipes escolares e que se desencadeiem nas próprias escolas, mais perto da realidade vivida pelos profissionais. Concretiza-se, assim, uma formação continuada coerente com os princípios pedagógicos da reforma: a formação de equipes propicia a realidade e contextualiza-se na realidade escolar. Em respeito a essa realidade, assegura-se identidade e diversidade ao processo, no decorrer do qual se constrói a autonomia da própria equipe escolar.

São estratégias para essa ação a ampla difusão dos Parâmetros Curriculares Nacionais; a constituição de redes de apoio à escola, para propiciar o intercâmbio de experiências e o apoio à construção dos projetos pedagógicos pelas equipes escolares; a própria construção coletiva destes, como momento de reflexão, conscientização e ações coletivas; e o acesso a bens culturais e de informação, ampliando o universo de referências do professor' (FAZENDA, 1995:47).

Surge então uma perspectiva filosófica voltada para quatro alicerces da educação, na verdade um caminho proposto pela comissão internacional de educação da UNESCO: Desenvolver competências para que o aluno possa continuar aprendendo ao longo da vida:

"Aprender a conhecer garante o aprender a aprender e constitui o passaporte para a educação permanente, na medida em que fornece as bases para continuar aprendendo ao longo da vida.

Aprender a fazer, desenvolver habilidades e estímulos ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais, à medida que se criam às condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam.

Aprender a viver trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento do outro e a percepção das interdependências, de modo a permitir a realização de projetos comuns ou a gestão inteligente dos conflitos inevitáveis.

Aprender a Ser, a educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supões ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível dono do seu próprio destino" (DELORS, s/d:51).

Descarta-se assim, a aquisição de conhecimentos enciclopédicos que só levam à erudição e não nos preparam para a vida. Educar para a vida significa contextualizar, relacionar a teoria com a prática. Ensina-se para constituir sentidos, produzir significados, construir competências.

Contextualização e interdisciplinaridade são palavras-chave da educação atual e do século XXI.

4. Conclusão: A filosofia da contextualização e interdisciplinaridade no ensino médio.

“O real não está nem na chegada nem na saída. Ele se dispõe pra gente no meio da travessia”.

J.G.Rosa - Grande Sertão: Veredas.

A partir das considerações, observa-se que contextualização, interdisciplinaridade e filosofia são palavras fundamentais no processo educativo. E cabe à escola na situação ensino-aprendizagem, transpor o conhecimento do contexto em que foi realizado para a prática didática de forma a ampliar e concretizar os conteúdos que serão utilizados pelo educando no seu campo profissional.

Neste sentido a interdisciplinaridade é vista como a prática e fazer as disciplinas interagirem se ligarem entre si.

E isso significa praticar o que as DCNEM determinam em seu art. 8º menciona:

- *questionamento ocorre, se a Filosofia aponta limites éticos à pesquisa científica e tecnológica;*

- *negação é o que ocorreu, quando a etnologia racista, que dizia haver raças superiores e inferiores, foi superada pela Biologia, que negou ao conceito de raça um valor explicativo, chamando a atenção para a unidade da espécie humana;*

- *a complementação enriquece o estudo do espaço geográfico com o olhar da Física, da Química e da Biologia e vice-versa, mostrando quão complexa é a relação do homem com o ambiente;*

- *a ampliação ocorre, quando, ao estudo da Arte e da Ciência, soma-se a História, aumentando a compreensão dos fenômenos culturais;*

- *iluminação se dá, quando conhecimentos de Física revelam aspectos da fabricação e uso de instrumentos musicais ou uma escrita musical é analisada em função de sua base matemática.*

Uma filosofia interdisciplinar ainda, segundo os PCNEM (1999:88) se inicia:

“No entendimento de que a complexidade dos mundos físico e social requer que as disciplinas se articulem, superando a fragmentação e o distanciamento, para que possamos conhecer mais e melhor”.

Apesar de divergentes pontos de vista, JAPIASSU (1976), FAZENDA (1994), JANTSCH (1995), SANTOMÉ (1998) e SACRISTÁN (1999) afirmam que a interdisciplinaridade e contextualização são inevitáveis e necessárias.

SANTOMÉ (1998:76) vai além e sugere ainda:

“Que este triângulo de relações se inscreve em diferentes tempos que caracterizam a relação didática, um tempo de articulação curricular, o de planificação antecipadora e o tempo propriamente de efetuação. A estes três tempos relaciona os três planos onde o triângulo funciona, respectivamente, o plano curricular, o didático e o pedagógico”.

De fato, se estamos cada vez conscientes da diversidade cultural em nossas sociedades, que incide nos espaços escolares, nossa escolarização continua bastante homogênea, ancorada na universalização dos saberes e dos sujeitos epistêmicos.

E um dos grandes desafios da atualidade parece ser, como sugere SACRISTÁN (1996:48):

Conseguir abarcar as diferentes formas culturais – uma cultura instrumental, uma cultura antropológica de origem, a alta cultura, uma cultura “lúdica” – e ainda encontrar uma unidade em torno da cultura escolar.

Segundo, as DIRETRIZES CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO, Artigo 9º, na observância da Contextualização, as escolas terão presente que:

I – na situação de ensino e aprendizagem, o conhecimento é transposto da situação em que foi criado, inventado ou reproduzido, e por causa desta transposição didática deve ser relacionado com a prática ou a experiência do aluno a fim de adquirir significado;

II – a relação entre teoria e prática requer a concretização dos conteúdos curriculares em situações mais próximas e familiares do aluno, nas quais se incluem as do trabalho e o exercício da cidadania.

III – a aplicação de conhecimentos constituídos na escola às situações de vida cotidiana e da experiência espontânea permite seu entendimento, crítica e revisão.

E, para a professora Guiomar NAMO DE MELLO (Parecer CEB 15/98), contextualizar o ensino significa vincular os conhecimentos aos lugares onde foram criados e onde são aplicados, isto é, a vida real.

Assim, o conhecimento das informações ou dos dados não deve ser realizado de forma isolada entre as disciplinas e a realidade;

“Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e texto necessita do contexto no qual se enuncia” (MORRIN, 1999:36).

BASTIEN (1992) nota que: *“a evolução cognitiva não caminha para o estabelecimento de conhecimentos cada vez mais abstratos”,* mas ao contrário, para sua contextualização a qual segundo MORRIN (1999) *“determina as condições de sua inserção e os limites de suas validades.”* BASTIEN (1992) complementa que a *“contextualização é condição essencial da eficácia para o funcionamento cognitivo”*.

A construção de conhecimentos, competências e habilidades na escola implicam recorrer a contextos que tenham significado para o aluno e possam mobilizá-lo a aprender, num processo ativo, em que ele é protagonista e não mero coadjuvante. Educar para a vida requer uma aprendizagem significativa, que envolva o aluno não só intelectual mas também afetivamente.

Onde se faz necessário uma ação pedagógica de modo integrado, relacionado e dinâmico onde a interdisciplinaridade e a Contextualização como prática do currículo escolar poderá se expressar em vários níveis de cooperação entre as disciplinas:

“O de descrever e/ou explicar um mesmo fenômeno na perspectiva de diferentes disciplinas, concomitante, seqüencialmente ou com um intervalo de tempo relativamente curto (dentro do mesmo ano letivo ou série, por exemplo). Quando isso ocorre o que há em comum entre as disciplinas é o objeto ou tema” (PCNEM, 1999:93).

Pode-se aprender Matemática na progressão geométrica formada pela incidência de juros no preço do eletrodoméstico que se deseja comprar; Língua Portuguesa nos artigos de um jornal e Arte em sua programação visual; Biologia na receita médica e Química na bula do remédio ou no rótulo do produto alimentício; Geografia na organização do espaço urbano e Sociologia nos usos sociais dos diversos lugares da cidade onde a escola está.

'O aluno pode até adquirir conhecimentos necessários à constituição de competências, mas não aprende a mobilizá-los e aplicá-los em situações pertinentes um segundo nível mais complexo não prescinde da explicação do fenômeno, as diferentes formas de conhecer' (PCNEM, 1999:136).

Decidir-se por pagar mais ou economizar até poder comprar; construir opinião autônoma ante o que se lê e se vê nos jornais; ter domínio sobre o que se passa com o próprio corpo; saber situar-se no lugar em que se vive são habilidades que tornam nossa vida melhor. Educar para a vida é educar para viver melhor.

Referências bibliográficas

- BASTIEN, C. *Lês connassantes de l'enfant à adulte*. Paris: Colin, 1997.
- BERGER, P. *Socialização: como ser membro de uma sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- DELORS, J. *Educação; um tesouro a descobrir*. S/D.
- DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA ENSINO MÉDIO. Lei 9.396/06.
- FAZENDA, I.C. *A Academia vai à escola*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JANTSCH, A.P. *Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MORRIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NAMO DE MELLO, G. *Relatora do parecer da CEB, nº 15, 1998*.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Ensino Médio/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica*. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- SACRISTÁN, J.G. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- SACRISTÁN, J.G. *Escolarização e cultura: a dupla determinação*. In: SILVA, L.E. (Org.). *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- TORRES, J.S. *Globalização e Interdisciplinaridade*. Porto Alegre: Artes Médica, 1998.